

Eixo Temático: Estratégia e Internacionalização de Empresas

**REDES E AGLOMERADOS PRODUTIVOS: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL DO SÉCULO XXI**

**PRODUCTIVE NETWORKS AND AGGLOMERATES: A BIBLIOMETRIC
ANALYSIS OF THE NATIONAL ACADEMIC PRODUCTION OF THE 21ST
CENTURY**

Katiane Rossi Haselein Knoll, Matheus De Mello Barcellos e Paulo Vanderlei Cassanego Junior

RESUMO

A cooperação entre organizações é uma estratégia coletiva que as move para busca da satisfação dos próprios interesses. O objetivo deste estudo foi realizar um mapeamento bibliométrico acerca da produção científica, no período de 2000 a maio de 2016 sobre o tema cooperação em redes empresariais e aglomerados produtivos. O estudo baseou-se em uma pesquisa bibliométrica de caráter descritiva e abordagem quantitativa. Foi utilizada como base de dados para fonte de material a Biblioteca Virtual Spell, que trouxe como retorno a amostra de 43 artigos de um universo de 137, em virtude dos recortes realizados. Com resultados destaca-se que a produção científica sobre o tema apresenta uma tendência de crescimento ao longo dos anos. As pesquisas apresentam-se como relevantes, pois mais de 80% dos artigos analisados foram publicados em periódicos de Qualis superior. A maior parte dos artigos possuem abordagem qualitativa e o método de estudos de casos. Percebeu-se que o tema é de crescente interesse na academia nos últimos anos, pois, o estudo mostrou indícios de amadurecimento do assunto cooperação nas redes e nos aglomerados produtivos no Brasil. Pode-se considerar que os trabalhos encontrados até o momento são apenas o princípio de uma construção mais robusta que precisa ser mais desenvolvida.

Palavras-chave: Redes de Negócios. Aglomerados Produtivos. Cooperação em Redes e em Aglomerados Produtivos.

ABSTRACT

Cooperation between organizations is a joint strategy that moves them towards the satisfaction of their own interests. The objective of this study was to carry out a bibliometric mapping about the scientific production, from 2000 to May 2016 on the topic of cooperation in productive business networks and clusters. The study was based on a bibliometric research with descriptive character and quantitative approach. The Spell Virtual Library was used as the database for the material source, which brought back the sample of 43 articles out of a universe of 137, due to the cuts made. Based on the results it is highlighted that the scientific production on the subject shows a tendency of growth over the years. The researches are relevant since more than 80% of the articles analyzed were published in the periodicals of Superior Qualis. Most articles have a qualitative approach and the method of case studies. It was noticed that the subject is of growing interest in the academy in the last years, because, the study showed signs of maturation of the subject cooperation in the networks and productive clusters in Brazil. It can be considered that the works found so far is only the principle of a more robust construction that needs to be further developed.

Keywords: Business Networks. Productive Agglomerates. Cooperation in Networks and Productive Clusters.

1 INTRODUÇÃO

Os aglomerados territoriais despontaram como importantes sistemas capazes de enfrentar os problemas e dificuldades referentes à necessidade de modernização e ao desenvolvimento de setores e regiões. Com isso, os distritos industriais, os *clusters*, os sistemas produtivos, sistemas locais, nacionais e regionais de inovação, arranjos produtivos, entre outros, são alguns sistemas que evidenciam as economias de aglomeração e a cooperação entre empresas e instituições, como forma de aumento de competitividade (TISOTT; SCHMIDT; WAQUIL, 2017)

De acordo com Balestrin; Verchoore (2010), na esfera acadêmica brasileira, ocorre fenômeno semelhante, embora os estudos sobre cooperação interorganizacional sejam mais recentes, somente nos últimos anos é que se tem observado um aumento na quantidade e na qualidade das pesquisas e das publicações que enfocam o tema. Contudo esse rápido crescimento já foi capaz de estabelecer um campo estruturado de estudos no Brasil. Um bom exemplo é o Governo do Estado do Rio Grande do Sul que vem promovendo, desde 2000 um Programa de Redes de Cooperação (PRC), resultado de uma política que visa ao desenvolvimento econômico por meio do fortalecimento da cooperação entre empresas (BALESTRIN; VERCHOORE, 2010).

De acordo com Kneipp *et al.* (2013), os periódicos científicos possuem um papel na consolidação de determinada área de conhecimento, pois, são meios para a divulgação e a difusão dos resultados de pesquisas acadêmicas. Os autores ainda mencionam que na área de Administração no Brasil é crescente o número de veículos para a divulgação da produção acadêmica e ainda colocam que o crescimento do número de eventos e periódicos na área possui como um dos principais objetivos absorver a produção científica local, tendo em vista que as publicações tornaram-se foco permanente de atenção e preocupação dos pesquisadores e de suas instituições.

Partindo desse contexto, a pesquisa busca verificar como as empresas cooperam entre si, quais tipos de estudos são mais encontrados (empíricos ou teóricos), quais os métodos de pesquisas mais utilizados para estudar esse assunto e em quais periódicos o tema vem tendo destaque. Para isso tem-se como objetivo do estudo: Mapear o perfil e a evolução da produção científica acadêmica sobre cooperação em redes interorganizacionais e aglomerados produtivos nos periódicos nacionais da área de Administração, no período de 2000 a maio de 2016.

Este artigo encontra-se dividido em cinco seções. Esta primeira, constituída pela introdução, a segunda, contendo o referencial teórico que aborda os seguintes tópicos: Redes de Empresas, aglomerados produtivos e cooperação em redes e aglomerados. A terceira seção apresenta os procedimentos metodológicos, onde também são conceituados os métodos abordados, no caso a bibliometria, além de informar os passos seguidos para desenvolvimento da pesquisa. Na quarta seção os resultados são demonstrados através da estatística descritiva realizada. Por fim, a última seção é formada pelas considerações finais, as quais concluem o trabalho, informam limitações sobre a pesquisa e sugestões de trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REDES DE NEGÓCIOS

Desde os anos 70, observam-se mudanças na organização industrial, com a criação dos distritos industriais da chamada Terceira Itália, os sistemas produtivos locais na França, na Alemanha e no Reino Unido, o Vale do Silício nos EUA ou as redes de empresas no Japão e em Taiwan (NETO, 2000).

O fenômeno da globalização econômica, oriunda da formação de blocos econômicos regionais, desenvolve-se em duas vertentes aparentemente opostas, mas complementares, pois, ao mesmo tempo, que facilitou a formação de grandes conglomerados transnacionais, também impulsionou o surgimento de pequenas empresas (BOAVENTURA *et al.*, 2006).

Nesse contexto, uma das tendências que se identificou na economia, pós-fenômeno globalização, foi a formação e o desenvolvimento de redes de empresas, que ganhou relevância não só para as economias de países industrializados, como também países emergentes, que possuem economia em desenvolvimento, como México, Chile, Argentina e o Brasil (NETO 2000).

Para Balestrin; Verschoore (2008, p. 78) “o termo rede se consolidou de maneira irreversível sendo empregado sem restrições para explicar os mais variados fenômenos e estruturas”. Os autores definem a empresa em rede como aquela forma específica de empresa cujo sistema de meios é constituído pela intersecção de segmentos de sistemas autônomos de objetos.

As redes fundamentam-se nos benefícios gerados pela aglomeração territorial e/ou pela cooperação e confiança entre firmas. A rede é, antes de tudo, um espaço para o aprendizado decorrente da troca de informações, experiências, discussões, em síntese, do compartilhamento entre os parceiros (ALEMÃO *et al.*, 2015).

Então, as redes indicam um caminho alternativo para fazer frente às pressões competitivas, onde a interação entre os envolvidos representa mais do que uma simples adaptação passiva, pois os relacionamentos abrangem o enfrentamento das dificuldades comuns e a busca de soluções conjuntas por meio das diversas capacitações reunidas e originadas pela sinergia (BALESTRIN; VERSCHOORE, 2008).

Boaventura *et al.* (2006) diz que os relacionamentos entre empresas que pertencem a uma rede oferecem a estas mais facilidades para atingir seus objetivos. Os autores complementam que as redes organizacionais são estruturas dinâmicas, virtuais e flexíveis de produção, venda de bens e serviços e de geração de novas tecnologias, baseando-se na interdependência de seus parceiros, que constroem conjuntos sinérgicos, cuja força resultante é sempre maior que a soma das forças de seus componentes, com vantagem de esses não perderem suas identidades e características individuais.

Nesse contexto, percebe-se que para a formação de uma rede interorganizacional deve existir a cooperação entre as empresas. Oprime *et al.* (2009), diz que a cooperação e integração beneficia toda a rede de empresas, pela redução de ciclos de produção, melhora na capacidade de percepção das necessidades e na qualidade dos produtos e serviços do mercado, e por proporcionar a produção mais rápida de produtos.

Balestrin; Vargas (2004) falam que as redes de cooperação são constituídas por empresas que guardam cada uma sua independência, mas que optam por coordenar certas atividades específicas de forma conjunta, com os seguintes objetivos: criação de novos mercados, suporte de custos e riscos em pesquisas e desenvolvimentos de novos produtos, gestão da informação e de tecnologias, definição de marcas de qualidade, defesa de interesses, ações de marketing, e outros.

Essa forma de cooperação parece dar um aspecto mais humano ao sistema, onde a competitividade pode ser alcançada por interações e relações mais harmoniosas, em um processo construído de adaptação e dependência (MARCHI, 2006).

Assim, as empresas ao utilizarem essa forma organizacional, onde constituem juntas uma rede com objetivos comuns, como enfrentar as dificuldades do mercado e buscar soluções aumentando seu grau de produtividade e competitividade, com interdependência, flexibilidade e sinergia, devem ainda, considerar as características das regiões onde se localizam, para que assim, haja uma maior facilidade em atingir o objetivo da rede, como também desenvolver a região.

2.2 AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS

“A proliferação e desenvolvimento de pequenas empresas organizadas em estruturas de *cluster* pelo mundo, tem sido um fenômeno econômico que vem ocorrendo desde os tempos medievais, sem que os olhos da ciência se dessem conta de fato” (GUIMARÃES, 2006, P. 35).

Baseados no binômio cooperação - competição e na busca constante de inovações, os *clusters* italianos mostraram ao mundo que a concentração geográfica é a argamassa do desenvolvimento e da competitividade das nações na era da globalização (GUIMARÃES, 2006). A Itália em 30 anos conseguiu dominar parcelas expressivas do mercado mundial em campos diferentes, e isso se deu devido à união de pequenas empresas aglomeradas em diversas regiões.

Conforme Zaccarelli *et al.* (2008, p. 5) “a descoberta, no sentido de reconhecimento, da capacidade competitiva de agrupamentos de empresas ocorreu em 1990, atribuída a Michael Porter, que batizou esse tipo de arranjo de *cluster*”. Porter na época realizou uma pesquisa de três anos, em 10 países distintos, sobre o que proporcionava “vantagem competitiva” para as nações. A pesquisa concluiu que a concentração geográfica dos negócios para produzir um determinado produto está associada à vantagem competitiva para as respectivas cidades, atestado pelo seu sucesso na competição mundial.

Para Guimarães (2006), na literatura o termo *cluster* surge em mais de uma versão, e, em todas elas não se fala de sua finalidade fulcral, que é alcançar vantagens competitivas e vencer os competidores. “*Cluster* é citado com o significado de aglomerados de empresas, agrupamentos industriais, distritos industriais, cooperação entre empresas e complexos mais ou menos intercambiáveis” (GUIMARÃES, 2006, p. 29).

Boaventura *et al.* (2006) diz que os *clusters* podem ser considerados como aglomerações de atividades produtivas ou comerciais afins, localizadas em determinado espaço geográfico e desenvolvidas por empresas autônomas de pequeno, médio e de grande porte, que apresentam grandes níveis de entrosamento entre si, apoiadas pelos mais diversos mecanismos existentes, e constituem-se em modelo de desenvolvimento regional.

Para Puga (2003) um aglomerado produtivo pode ser definido como uma concentração geográfica de empresas e instituições que se relacionam em um setor particular, incluindo fornecedores especializados, universidades, associações de classe, instituições governamentais e outras organizações que proveem educação, informação, conhecimento e/ou apoio técnico. O autor diz que a maioria dos casos, participa do aglomerado um número significativo de pequenas e médias empresas, acrescentando efeitos distributivos, em termos patrimoniais e de emprego, às dimensões setorial e regional.

Para Thomazi (2006), a organização de um *cluster* irá variar internamente em três aspectos: tamanho, amplitude e estágio de desenvolvimento, o que determinará a natureza de sua apresentação. Com isso, a autora reforça a ideia que não há *clusters* idênticos, pois, são essencialmente típicas, experiências únicas que apresentam resultados pelas estratégias empregadas, e envolvem desde empresas de pequeno e médio porte até empresas de grande porte. “Qualquer ocorrência no ambiente em que está organizado o *cluster* tem influência direta ou indireta em sua organização, ou seja, os aglomerados são susceptíveis aos fatores exógenos e endógenos, reforçando assim, a interpretação na abordagem de sistemas” (THOMAZI, 2006, p. 53).

Marini *et al.* (2012) cita algumas características comuns para as aglomerações produtivas locais, aqui chamadas de *cluster's*. Essas aglomerações integram um conjunto de empresas com especialidade produtiva, constituídas principalmente, por pequenas e médias empresas que possuem diversas instituições de apoio, apresentando assim, vínculos interativos entre os agentes, com o objetivo de buscar ganhos de eficiência coletiva e promover praticas cooperativas.

Através de vários conceitos citados acima, define-se cluster como um aglomerado de empresas industriais ou comerciais, com localização geográfica aproximada, que se unem em prol de objetivos comuns, gerar vantagem competitiva, aumentar a produtividade, diminuir riscos, ao mesmo tempo em que, cooperam e competem entre si.

2.3 COOPERAÇÃO EM REDES E AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS

A cooperação surgiu de onde menos se esperava, durante a primeira Guerra Mundial. Axelrod (2010) relata que a primeira etapa da guerra, foi altamente móvel e sangrenta. No entanto, à medida que as linhas se estabilizavam, a não-ofensiva entre as tropas surgiu espontaneamente em muitos locais ao longo da frente. Na guerra para os dois lados, enfraquecer o inimigo era importante, pois promoveria a sobrevivência do batalhão, onde as perdas de um lado, representavam os ganhos para o outro lado, mas no nível local, ao longo da linha de frente, a restrição mútua era preferível à punição mútua.

Assim, surgiu a política “Viva e deixe viver”, empregada por soldados alemães e franceses nas trincheiras durante a guerra. Essa política veio maneira espontânea, em vários contextos, como a restrição para reter a distribuição das rações do inimigo, a pausa durante o primeiro natal nas trincheiras e a lenta retomada dos combates depois que condições climáticas. As restrições evoluíram para padrões claros de compreensão mútua do comportamento, e com isso, começou a surgir confraternização entre soldados de batalhões rivais e tréguas diretas organizadas por meio de gritos ou sinais (AXELROD, 2010).

Através do sistema “Viva e deixa viver”, os soldados evitavam a autodestruição, pois os dois lados opostos cooperavam, e assim, aprenderam que a base da cooperação era a reciprocidade, fazendo com que os dois lados se preocupassem com o bem-estar do outro.

Para Axelrod (2010) a cooperação teve uma base segura por meio de ações exploratórias a nível local, conseguiu se sustentar devido à duração do contato entre as pequenas unidades que se enfrentavam e, acabou sendo destruída quando essas pequenas unidades perderam sua liberdade de ação.

O sistema “Viva e deixe viver” demonstra que “a amizade raramente é necessária para dar início a cooperação baseada na reciprocidade. Em circunstâncias adequadas, a cooperação se desenvolvem mesmo entre adversários” (AXELROD, 2010). O autor ainda exemplifica o Dilema do Prisioneiro, no qual explana que nesse jogo há dois jogadores, e que cada um tem duas escolhas, cooperar ou desertar. O autor traz o dilema para explicar que se ambos desertam, ambos se saem pior do que se tivessem cooperado. O Dilema do Prisioneiro é simplesmente uma formulação abstrata de algumas situações muito comuns e interessantes nas quais o que é melhor para cada pessoa individualmente conduz à deserção mútua, ao passo que todos seriam beneficiados se houvesse cooperação mútua. Na realidade o conceito vem como uma estratégia nas organizações, pois, menciona que o interesse principal é com as pessoas e as organizações.

Astley (1984) e Astley; Fombrun (1983) em seus estudos mostraram que as estratégias empresariais não precisam limitar-se a relacionamentos concorrenciais, pois há inúmeras possibilidades para o desenvolvimento de ações colaborativas. Astey (1984) apresentou a ideia de colaboração como uma alternativa para a política de negócios. Tanto Astey, como Axelrod, enfatizam que não é necessário a limitação a concorrência, os autores demonstram em seus estudos que a cooperação é uma estratégia entre pessoas, empresas que se unem para poderem juntas se manterem ou emergirem.

Ao longo do tempo, a cooperação e o estabelecimento de relações interorganizacionais têm sido alternativas encontradas por muitas empresas para adequar-se às mudanças do cenário e às exigências de novas capacidades e habilidades. Em especial no caso das pequenas empresas, formar relações cooperativas torna viável complementar e potencializar suas capacidades (WEGNER; MISOCZKI, 2008).

Conforme Balestrin; Verschoore (2008, p. 39) “a cooperação entre indivíduos não-altruístas nasce do interesse comum suscitado pela compreensão de que somente operando em conjunto é possível realiza-lo”. Seria então, uma consequência de agentes individuais que buscam satisfazer os próprios interesses, fazendo com que as empresas colaborem entre si visando a ganhos que não poderiam obter se atuassem isoladamente.

Conforme Iacono; Nagano (2010) há motivos básicos ou ganhos possíveis que movem as empresas a desenvolverem práticas de cooperação com os demais agentes, dentre os quais podem ser citados a redução da incerteza; controle sobre os mercados potencialmente promissores; redução e racionalização dos gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D); geração de lucros que não poderiam ser obtidos de forma independente; sinergias econômicas de escala nas atividades de produção, marketing e P&D; economias de escopo e o reforço da diferenciação de produto; fortalecimento da capacidade para reagir melhor a choques externos; controle mais estreito sobre ativos e competências necessários à viabilização do processo de inovação.

Enfim, pode-se dizer que quando se fala em cooperação entre organizações, trata-se de ações coletivas organizadas para empresas obter vantagens competitivas no mercado, na qual, isoladamente não poderiam conseguir. Seria a estratégia que diversas organizações adotam onde todas ganham e nenhuma perde.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa é de caráter quantitativo (Gil, 2012; HAIR JR. *et al.*, 2005), levantando-se características da produção científica sobre aglomerações e redes de negócios por meio das publicações em periódicos nacionais.

A fim de atingir o objetivo do estudo, explorar as características da produção acadêmica científica nacional sobre cooperação em aglomerados produtivos e redes de negócios, entre 2000 e 2016, utilizou-se da bibliometria (SILVA, 2004; NERUR, RASHEED, NATARAJAN, 2008). A base de dados que serviu como fonte dos artigos analisados foi à biblioteca eletrônica SPELL - [Scientific Periodicals Electronic Library](#).

Para isso, diversos acessos na plataforma foram feitos. No primeiro acesso, dia 03 de abril de 2016, pesquisou-se a palavra “cooperação”, obtendo-se um total de 137 artigos. Foi realizada a leitura dos 137 resumos constantes nesses artigos, entre os dias 3 de abril e 30 de maio de 2016. Após, foram selecionados os artigos que incluíam entre suas palavras-chaves: “cooperação e redes” e/ou “cooperação e arranjo (s) produtivo (s) local(s), cooperação e *cluster* (s), cooperação e aglomerado (s) de produção ou produtivos, e cooperação e sistema (s) produtivo (s) local (is)”. Para isso, adotou-se como aglomerados produtivos os arranjos produtivos locais, os *clusters*, os aglomerados de produção e os sistemas produtivos. A partir disso, foram analisados todos os artigos publicados na área de Administração na plataforma.

Após os resumos serem analisados, descartaram-se aqueles que não se referiam ao tema da pesquisa. Selecionou-se 43 artigos em 31 periódicos. A técnica de coleta de dados realizada foi análise documental e a técnica para a análise desses dados foi caracterizada como estatística descritiva (HAIR, 2005).

Através do software LibreOffice – Calc, criou-se uma planilha para a caracterização dos artigos. Assim, pode-se construir os gráficos no próprio software que foi criado o banco de dados. O Quadro1 apresenta as variáveis analisadas e a base teórica utilizada na definição das mesmas.

Quadro1: Variáveis Analisadas

VARIÁVEL	BASE TEÓRICA
----------	--------------

Ano de publicação	Araújo (2006), Costa, de Andrade (2014).
Autoria	Araújo (2006), Ceretta, Reis e Rocha (2016).
Meio de Publicação	Ceretta, Reis e Rocha (2016), Balestrin, Verschoore, Reyes Junior (2010).
Natureza do estudo	Costa, de Andrade (2014), Oliveira <i>et al</i> (2016a).
Abordagem do estudo	Kobashi, dos Santos (2012), Balestrin, Verschoore, Reyes Junior (2010).
Método do estudo	Oliveira <i>et al</i> (2016b), Kobashi, dos Santos (2012).
Conceitos de cooperação utilizados	Elaboração dos Autores

Fonte: elaboração dos autores

Com a utilização do aplicativo *Word Cloud*, foi possível construir uma nuvem de palavras, a qual apresenta as palavras-chaves utilizadas com mais frequência nos artigos analisados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção são apresentados os resultados referentes à análise dos artigos obtidos na plataforma Spell que abordam de alguma forma em seu conteúdo a cooperação nas redes de negócios ou nos Arranjos Produtivos Locais, *Clusters*, sistemas produtivos e Aglomerados de Produção.

4.1 Análise Bibliométrica

Através da análise bibliométrica foi possível classificar os estudos quanto ao: ano de publicação, número de autores, periódicos e qualis, natureza dos estudos, abordagem de pesquisa e método de pesquisa

Referente ao número de autores, a Figura 1 informa quantos autores participaram da construção de cada artigo.

Figura 1 – Número de autores por artigo

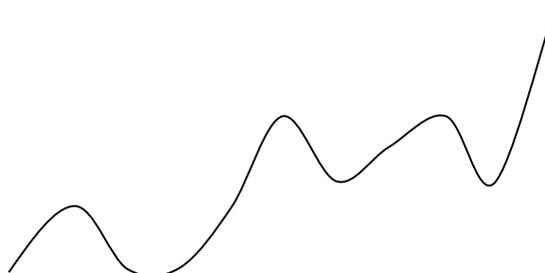


Fonte: elaboração dos autores

Observando a Figura 1, verifica-se uma grande quantidade de artigos escritos por dois ou três autores, enquanto apenas um foi elaborado por cinco autores. A porcentagem de um autor ficou em 12%, dois autores 42%, três autores 30%, quatro autores 14%, cinco autores 2,0%. Destacou-se que para o assunto abordado a maior parte dos artigos são realizados em duplas de autores, ou seja, um autor e outro co-autor.

A produção de artigos verificada neste estudo variou entre o ano de 2000 a maio de 2016. A Figura 2 informa a quantidade de trabalhos publicados em cada ano.

Figura 2 – Quantidade de Artigos Publicados por Ano sobre Cooperação em Redes de Negócios e Aglomerados Produtivos



Fonte: elaboração dos autores

Identifica-se um pico de produção científica abordando o assunto cooperação em redes de negócios ou em aglomerados produtivos nos anos de 2010, 2013 e 2015, com um total de 21 artigos. Os anos 2000, 2006 e 2007 foram os que tiveram menos publicações sobre o tema. Através da figura pode-se verificar que há um crescimento na quantidade de estudos publicados no último ano, o que representa que o tema está em crescimento e por consequência continuar nas agendas de pesquisas nacionais.

Para identificar quais são os principais periódicos que publicam artigos sobre o tema, foram sintetizados no Quadro 1, os nomes dos periódicos que realizaram mais de uma publicação no período analisado.

Quadro 2 – Frequência de Publicação por Periódico

Periódico	Nº de Artigos	Frequência (%)
RAP	4	9,30
Desenvolvimento em Questão – UNIJUI	2	4,65
Revista Adm. São Paulo	2	4,66
RAC	2	4,65
RAM – Revista de Adm. Mackenzie	3	6,98
Revista de Ciências da Administração	2	4,65
Revista de Micro e Pequena Empresa – FACCAMP	3	6,98
Outros	23	53,50
Total	43	100

Fonte: elaboração dos autores

O Quadro 1 apresenta os periódicos que publicaram mais de um artigo no período de análise do estudo. Destaque para a Revista de Administração Pública, que possui 4 artigos publicados. A Revista de Adm. Mackenzie e a Revista de Micro e Pequena Empresa – FACCAMP, publicaram 3 artigos cada uma, nos últimos 16 anos, somando um percentual de 13,96% juntas. As demais revistas apresentaram duas publicações durante o período analisado. Todos os 8 periódicos citados publicaram juntos cerca de 46,5% da produção acadêmica dos últimos 16 anos, o que representa 20 artigos do total de 43 analisados.

Esse tipo de análise fornece informação de quais periódicos têm em seu escopo a temática abordada, podendo ser indicativo para onde enviar artigos produzidos sobre o tema cooperação em aglomerados ou em redes empresariais.

Ainda referente aos periódicos recém-apresentados, a Figura 3 informa a frequência de publicações de acordo com o Qualis dos mesmos.

Figura 3 – Quantidade de artigos por Qualis

Fonte: elaboração dos autores

Conforme apresentado na Figura 3, os estudos acerca do tema demonstram-se como relevantes visto que a sua grande maioria (38 artigos, aproximadamente 81%) foi publicada em periódicos de classificação Qualis elevada (B3 ou superior). Dentre estes Qualis, encontra-se o periódico com mais publicações, como dito anteriormente, como também pode ser encontrada a Revista de Micro e Pequena Empresa, classificada como B3. Quatro artigos publicados em periódicos com Qualis B4 e apenas um artigo publicado em periódico com Qualis B5.

Na tabela 2, os artigos classificados como empíricos representam 95,3% da amostra, o que em geral apresentam uma revisão de literatura sobre o tema, não buscando corroborar ou refutar uma teoria com base nos achados empíricos. Não houve crescimento dos estudos teóricos ao longo do período analisado.

Quadro 3 – Natureza dos estudos

Abordagem	2000	2005	2006	2007	2008	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Teórico	1	1							1			3
Empírico		2	1	1	3	6	4	5	5	4	9	40
Total	1	3	1	1	3	6	4	5	6	4	9	43

Fonte: elaboração dos autores

Cada trabalho foi analisado de acordo com a abordagem e o método de pesquisa, poucos autores informaram a classificação de seus estudos, cabendo aos pesquisadores classificarem os que não foram informados conforme o conteúdo. A Tabela 3 mostra que abordagem quantitativa representa 25,6% das publicações, e que a mesma foi intensificada no ano de 2015. Sobressaiu-se a pesquisa com abordagem qualitativa, que representa 67,4% das publicações. Neste tipo de artigo, a cooperação é analisada de maneira descritiva ou exploratória, sendo a maior parte estudos de casos. Os estudos com abordagem qualitativos e quantitativos representam apenas 7% do total de publicações, geralmente modelos quantitativos são utilizados para prever dados e posteriormente a cooperação em APL's ou em Redes de Cooperação são descritas de maneira qualitativa, fazendo uso das informações provenientes da etapa quantitativa e/ou vice e versa.

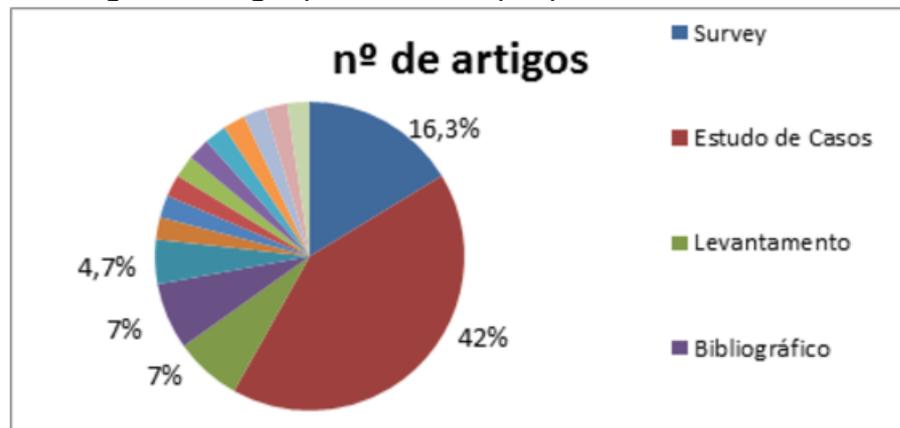
Quadro 4 – Técnicas de Pesquisa

Técnica de Pesquisa	2000	2005	2006	2007	2008	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Qualitativa	1	3	1	1	2	2	2	5	4	4	4	29
Quantitativa					1	2	1		2		5	11
Quali-Quanti						2	1					3
Total	1	3	1	1	1	6	4	5	6	4	9	43

Fonte: elaboração própria

Quanto ao método de pesquisa, houve o mesmo problema citado acima, pois, a maior parte dos autores não deixou explícito o método adotado, cabendo aos autores classificarem os demais. Foram encontrados como métodos utilizados: bibliográfico, bibliométrico, comparativo, ensaio teórico, estudo de caso, *design Research*, levantamento, *survey*, entre outros, conforme exposto na figura 6, onde pode-se observar a porcentagem de artigos por método identificado. Destaca-se que algumas classificações de métodos são, na verdade, técnicas de coleta de dados, como as entrevistas.

Figura 4 – Porcentagem de artigos por método de pesquisa



Fonte:
elaboração própria

Dos artigos analisados, 42% foram classificados como estudos de casos, estando dentro desta porcentagem, os estudos de casos múltiplos, totalizando 18 publicações. Os métodos levantamento e estudo bibliográfico apresentaram 3 artigos cada um. Em 7 artigos foram utilizados técnica *survey*. Foram feitos em 2 artigos entrevistas, e os outros métodos apenas consta em uma publicação cada, ficando em 2,3% .

Através do aplicativo *Wordle Cloud*, foi possível criar uma nuvem de palavras constituída pelas palavras-chaves que mais se repetem nos artigos avaliados. A nuvem pode ser observada na Figura 7.

Figura 5 – Nuvem de palavras

Quadro 6 - Abordagens acerca do Conceito de cooperação

Abordagem acerca de cooperação	Nº	Artigos em que a abordagem ocorre
Compartilhar recursos tangíveis e intangíveis	8	Alemão <i>et al.</i> , (2015); Cruz; Martins; Quandt (2008); Feijó; Zuquette (2014); De Oliveira; Martinelli (2014) ; Pedrozo; Pereira (2006); Vaz; Teixeira; Olave (2015); Wegner; Padula (2013); Zambrana; Teixeira (2013).
Estabelecer Relacionamentos Interorganizacionais	3	De Castro; Gonçalves (2014); Dos Reis <i>et al.</i> , (2008); ZANCAN <i>et al.</i> , (2013).
Convergência de objetivos e interesses	3	Donato <i>et al.</i> , (2015); De Souza (2015); Wegner; Padula (2010).

Fonte de dados: elaboração dos autores

Conforme apresentado no Quadro 6, o conceito de cooperação foi abordado em três níveis diferentes. Para a maioria dos autores (8) o simples compartilhamento de recursos pode ser considerado como o estabelecimento de um processo de cooperação. A segunda abordagem cita que existe a necessidade do desenvolvimento de relacionamentos interorganizacionais, que entre outras coisas, também proporcionam o compartilhamento de recursos. Enquanto a última abordagem apresenta um conceito mais profundo. Indicando que deve existir um processo de convergência dos objetivos e interesses das organizações, para que o processo de cooperação tenha um alicerce estratégico bem estabelecido.

Esses três tipos de abordagens não são excludentes. Podendo inclusive serem entrelaçadas em uma nova definição. De maneira que a cooperação pode ser definida como: um processo no qual a convergência de objetivos e interesses de diferentes organizações proporciona o estabelecimento de relacionamentos interorganizacionais, tendo o objetivo de obter vantagens competitivas através do compartilhamento de recursos tangíveis e intangíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mapeou o perfil e a evolução da produção científica acadêmica sobre a temática cooperação em redes de negócios e aglomerados produtivos nos periódicos nacionais da área de Administração, no período de 2000 a maio de 2016. Para tanto, efetuou-se uma análise bibliométrica e um estudo bibliográfico em 43 artigos da base de dados Spell.

Através dos resultados da pesquisa, percebeu-se que o tema é de crescente interesse na academia nos últimos anos. Isto se justifica pelos qualis de publicação e pela crescente publicação de artigos, principalmente no ano de 2015. Além disso, foi possível descrever como os pesquisadores brasileiros conceituam o assunto cooperação em redes de negócios e aglomerados produtivos.

Assim, com a pesquisa foi possível verificar o indício de amadurecimento do assunto no Brasil. Pode-se considerar que os trabalhos encontrados até o momento são apenas o princípio de uma construção mais robusta que precisa ser desenvolvida sobre o tema.

Como contribuições realizadas pelo presente trabalho à teoria podem ser destacados dois fatores: (a) o desenvolvimento da variável “conceitos utilizados” para a realização de estudos bibliométricos. A análise dessa variável pode indicar quais são os tipos de entendimentos dos autores acerca do tema estudado. Além disso, (b) houve o desenvolvimento de uma nova definição de cooperação por meio análise das abordagens dos autores nacionais acerca do tema.

Uma das limitações desta pesquisa decorre da base de dados utilizada, pois, limita-se a apenas uma plataforma, não analisando artigos de plataformas internacionais. Futuras pesquisas podem direcionar esforços para a ampliação deste estudo, analisando a luz de outras variáveis, ou seja, temas de pesquisas relacionados à governança, estratégias, competitividade, desenvolvimento, essas palavras expressas na nuvem de palavras – chaves, que vem a

demonstrar a relação de significância com o tema cooperação. Ainda, de acordo com a origem dos pesquisadores, futuras pesquisas podem ser realizadas, buscando uma maior inserção da abordagem quantitativa ou qualitativa-quantitativa (mista), na qual poderá contribuir na emergência, disseminação e otimização dos referidos temas integrados para a literatura acadêmica nacional, proporcionando a possibilidade de surgimento e aperfeiçoamento de novos grupos de estudos, poderão possibilitar uma melhor reflexão das estratégias empresariais nas redes e aglomerados produtivos através da cooperação.

REFERÊNCIAS

- ALEMÃO; H. C. *et al.* **Análise da Cooperação, aprendizagem e política relacional em redes estratégicas: um estudo no setor de hospitalar público.** RAHIS – Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde, 2015.
- ARAÚJO, Carlos AA. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, v. 12, n. 1, p, 11-32, 2006.
- ASTLEY, W. G. *Toward an Appreciation of Collective Strategy.* The Academy of Management Review, v.9, n.3, pp. 526-535, 1984.
- ASTLEY, W. G.; FOMBRUM, C. J. *Collective Strategy: Social Ecology of Organizational Environments.* The Academy of Management Review, v.8, n.4, pp. 576-587, 1983.
- AXELROD, R. **A Evolução da Cooperação.** São Paulo: Leopardi, 2010.
- BALESTRIN, A.; VARGAS, L.M. **Redes de cooperação como estrutura favorável ao desenvolvimento das PME'S.** In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA, I, 2003, Curitiba: Anais. Curitiba: 3Es, 2003.
- _____; ARBAGE, A.P. **A perspectiva dos custos de transação na formação de redes de cooperação.** RAE-eletrônica, v. 6, n. 1, Art. 7, jan./jun. 2007.
- _____; VERSCHOORE, Jorge. **Redes de cooperação empresarial: Estratégias de gestão na nova economia.** Porto Alegre: Bookman, 2008.
- _____. **Aprendizagem e Inovação no Contexto das Redes de Cooperação entre Pequenas e Médias Empresas.** o&s - Salvador, v.17 - n.53, p. 311-330 – Abr./Jun.; 2010.
- _____. **O Campo de Estudo sobre Redes de Cooperação Interorganizacional no Brasil.** RAC, Curitiba, v. 14, n. 3, art. 4, pp. 458-477, Mai./Jun. 2010.
- _____; REYES JUNIOR, Edgar. O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 3, 2010.
- BOAVENTURA, João Maurício Gama *et al.* **Redes de Negócios: tópicos em estratégia.** São Paulo: Saint Paul, 2006.
- BOWERSOX, C. *Developing strategic alliances: a conceptual framework for successfulco-Operation.* European Management Journal, 10-4; 412-20, 1990.

CERETTA, Gilberto Francisco; REIS, Dálcio Roberto dos; ROCHA, Adilson Carlos da. Innovation and business models: a bibliometric study of scientific production on Web of Science database. **Gestão & Produção**, v. 23, n. 2, p. 433-444, 2016.

COOK, K.S; WHITMEYER, J.M. *Two approaches to social structure Exchange theory and network analysis*. Annual Review of Sociology, 18, 1992.

COSTA, Vívian Flores; DE ANDRADE, Taís. Comportamento de cidadania organizacional: Caracterização da produção científica internacional no período de 2002 a 2012. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 2, 2014.

CRUZ, J. A. W.; MARTINS, T. S.; QUANDT, C. Olavo. **Redes de Cooperação: um enfoque de Governança**. Revista Alcance – Eletrônica, v. 15, nº 02 - ISSN 1983-716X, UNIVALI, p. 190 – 208, mai/ago. 2008.

DAGNINO, G. B.; PADULA, G. *Coopetition Strategy*. A New Kind of Interfirm Dynamics for Value Creation. In: THE EUROPEAN ACADEMY OF MANAGEMENT SECOND ANNUAL CONFERENCE, 2, 2002, Estocolmo. Anais... Estocolmo: Innovative Research in Management, 2002. Disponível em: Acesso em 06 set. 2016.

DE CASTRO, M.; GONÇALVES, S.A. **Contexto institucional de referência e governança de redes: estudo em arranjos produtivos locais do estado do Paraná**. Rev. Adm. Pública – Rio de Janeiro 48(5):1281-1304, set./out. 2014.

DE OLIVEIRA. M. F.; MARTINELLI, D. P. **Negociação, Cooperação e Desenvolvimento Local sob uma Perspectiva Sistêmica**: um estudo de caso no Arranjo Produtivo Local de Friticultura de jaíba – MG. Revista Desenvolvimento em Questão. Editora Unijuí, ano 2012, n. 28, out./dez. 2014, p. 193-223.

DE SOUSA, A. R. *et al.* **Cooperação no APL de Santa Rita do Sapucaí**. RAM, Rev. Adm. Mackenzie, 16(1), 157-187, 2015.

DONATO, H. C. *et al.* **Festival do Chocolate da Estância Turística de Ribeirão Pires**: um estudo da cooperação entre microempresas por meio da análise de Rede Sociais. Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.9, n.1, p. 76 – 89, 2015 ISSN 1982-2537

DOS REIS, J. A. *et al.* **Cooperação e Desenvolvimento**: estudo de caso em uma rede de cooperação. Revista Gerenciais, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 21-28, 2008.

FEIJÓ, R. M; ZUQUETTO, R. D. **Cooperar para sobreviver e crescer**: análise da rede de cooperação Redemac. RAM, REV. ADM. MACKENZIE, 15(3), Edição Especial, 21-41.

GRANDORI, A.; SODA, G. *Interfirms network*: antecedents, mechanisms and forms. Organization Studies, 16-2, 1995.

GUEDES, Vânia; BORSCHIVER, Suzana. **Bibliometria**: uma ferramenta estatística para a Gestão da Informação e do conhecimento, em sistemas de informação, comunicação e de avaliação científica e tecnológica. Dados extraídos:
<http://www.feg.unesp.br/~fmarins/seminarios/Material%20de%20Leitura/Bibliometria/Artigo%20Bibliometria%20-%20Ferramenta%20estat%EDstica%20VaniaLSGuedes.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016.

GUIMARÃES. Antônio Teodoro Ribeiro. **Diagnóstico de Cluster de Negócios**. São Paulo: Academia Editorial, 2006.

GULATI, R. *Alliances and network*. Strategic Management Journal, 19, 1998. HAIR, J. *et al.* **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookmann, 2005.

HAIR Jr. *et al.* **Fundamentos de métodos de pesquisas em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IACONO. Antônio; NAGANO. Marcelo Seido. **Interação e Cooperação em Arranjos Produtivos Locais em Micro e Pequenas Empresas**. Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.3, n.3, p.4-19, 2010.

KNEIPP, J. M. *et al.* **Análise bibliométrica da Produção Científica da Revista de Administração da UFSM: em busca de novas perspectivas e desafios**. Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, v. 6, número 2, p. 443-458, Jun. 2013.

KOBASHI, Nair Yumiko; DOS SANTOS, Raimundo Nonato Macedo. Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. **Transinformação**, v. 18, n. 1, 2012.

MARCHI, J.J. **Redes Empresariais: Um Estudo Comparativo dos Fatores Sócio-Comportamentais e Desempenho Competitivo em Duas Redes de Empresas do Varejo Alimentício**. Dissertação (Mestrado), UFSM, 2006.

MARINI, M. J. *et al.* **Avaliação da contribuição de arranjos produtivos locais para o desenvolvimento local**. Biblio3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, v. 17, n. 996, 2012.

NETO, J. A. **Redes de Cooperação Produtiva e Clusters Regionais: oportunidades para as Pequenas e Médias Empresas**. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Redes entre Organizações: domínio do conhecimento e da eficácia operacional**. São Paulo: Atlas, 2005.

NERUR, S. P.; RASHEED, A. A.; NATARAJAN, V. *The intellectual structure of the strategic management field: an author co-citation analysis*. Strategic Management Journal, EUA, v. 29, p. 319-336, 2008.

OLIVEIRA, Patricia Grenfell *et al.* Economia criativa na produção científica brasileira em administração: Mapeamento bibliométrico nas bases ANPAD, CAPES e SPELL. **GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 2966-2981, 2016a.

OLIVEIRA, Ronielton Rezende *et al.* Gerenciamento de projetos: comparativo bibliométrico dos anais de congressos brasileiros na área de Administração e Engenharia de Produção. **Revista de Gestão e Projetos**, v. 7, n. 1, p. 15-31, 2016b.

OPRIME, Pedro *et al.* **Análise dos relacionamentos e cooperação entre empresas do cluster industrial de joias e folheados de Limeira**. Revista Produção online. Vol. IX, num. IV. Associação Brasileira de Engenharia de Produção – ABREPRO – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

PEDROZO, E. A.; PEREIRA; B. A. D. **Empreendedorismo coletivo é possível? Uma análise do processo de constituição de relacionamento cooperativos em Rede**. REAd – Edição 52 Vol. 12, n. 4 jul-ago, 2006.

PORTER, M. **Cluster e competitividade**. HSM Management, julho-agosto, 1999.

PUGA, F.P. **Alternativas de Apoio a MPMES Localizadas em Arranjos Produtivos Locais**. Textos para Discussão 99. Rio de Janeiro: BNDES, jun. 2003.

Serra, F. R., Ferreira, M. P., Almeida, M. I. R., & Vanz, S. A. S. (2012). **A pesquisa em administração estratégica nos primeiros anos do século XXI: um estudo bibliométrico de citação e cocitação no Strategic Management Journal entre 2001 e 2007**. *Estratégia e Negócios*, 5(2), 257-274.

SILVA, M. R. **Análise bibliométrica da produção científica docente do programa de pós-graduação em educação especial/ UFSCar: 1998-2003**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

TISOTT, Sirlei Tonello; SCHMIDT, Verônica; WAQUIL, Paulo Dabdab. Atividade florestal e o desenvolvimento socioeconômico em Três Lagoas e região: uma análise baseada na abordagem de cluster. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 38, p. 228-260, 2017.

THOMAZI, S. **Cluster de Turismo: introdução ao estudo de Arranjo Produtivo Local**. São Paulo: Aleph, 2006.

THORELLI, H.B. *Networks: netwen markets and hierarquies*, *Strategic Management Journal*. 7: 37-51, 1986.

VAZ, V. H.; TEIXEIRA, R. M.; OLAVE, M. E. **Redes de cooperação interorganizacional na implantação e consolidação do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel em Sergipe**. *Organizações em contexto*, São Bernardo do Campo, ISSN 1982-8756 • Vol. 11, n. 21, jan.-jun. 2015.

WEGNER, D.; PADULA, A. D. **Tendências da Cooperação em Redes Horizontais de empresas: o exemplo das redes varejistas na Alemanha**. *R.Adm.*, São Paulo, v.45, n.3, p.221-237, jul./ago/set. 2010.

_____. **A influência de fatores contextuais na Governança de Redes Interorganizacionais**. *Revista Gestão e Planejamento*, Salvador, v. 13, n. 1, p. 116-136, jan./abr. 2013.

WEGNER, D.; MISOCZKY, M. C. A. **Avaliação de Desempenho de Redes de Pequenas Empresas: Contribuições da Abordagem da Produção de Sentido**. V ENEO - Encontro DE Estudos Organizacionais da ANAPD. Belo Horizonte-MG: junho, 2008.

WERLANG, N. B.; ROSSETTO, C. R.; SAUSEN, J. O. **Inovatividade Organizacional: um estudo bibliométrico em bases de dados internacionais**. *Revista Desenvolvimento em Questão*: Editora Unijuí, 2015, n. 29, jan./mar.

ZACARELLI, S. B. *et al.* **Clusters e Redes de Negócios: uma nova visão para a gestão dos negócios**. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

ZAMBRANA, A. A.; TEIXEIRA, R. M. **Governança e Cooperação em Arranjos Produtivos Locais: um estudo de múltiplos casos em Sergipe**. *REGE*, São Paulo – SP, Brasil, v. 20, n. 1, p. 21-42, jan./mar. 2013.

ZANCAN, C. *et al.* **Condicionantes de consolidação de redes de cooperação interorganizacional: um estudo de caso sobre o Rio Grande do Sul**. *Rev. Adm. Pública* — Rio de Janeiro 47(3):647-669, maio/jun. 2013.